

# O Uso da fotografia para o estudo da História da Educação Brasileira

*Ivna de Holanda Pereira<sup>1</sup>*

GT: História e Linguagem: Interfaces com a Literatura, o Cinema e a Fotografia.

**PALAVRAS-CHAVES:** ensino da história da educação; procedimento metodológico; fotografia.

## **Introdução**

A disciplina História da Educação Brasileira é normalmente obrigatória nos cursos de Pedagogia e, especificamente no caso da Pedagogia da UVA, é ministrada após duas outras Histórias, a Antiga e Moderna. Como professora dessa disciplina, no semestre 2007.2, senti a necessidade de trabalhar com os alunos<sup>2</sup> procedimentos metodológicos que possibilitassem um maior envolvimento e aproximação/participação de todos eles com as discussões suscitadas no decorrer do estudo dos conteúdos.

Com o objetivo também de estimular reflexões sobre a História da Educação Brasileira pretendia/propunha dar/buscar significado/sentido aos conteúdos até então selecionados/trabalhados em sala de aula, aproximando-os e fazendo ligamentos, amalgamando-os a uma história da educação proximal, vivida/ vivenciada, conhecida por esses alunos, é que lançamos mão do uso da fotografia enquanto procedimento metodológico. Assim, a pretensão era que a fotografia produzisse certa motivação, capaz de estabelecer elos entre história oficial e àquelas que ficam guardadas ou se perdem no tempo da memória -, num tempo que segundo Cambi (2002), é denominado por Braudel, de “tempo dos

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA-CE, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC, integrante do Grupo de Pesquisa História e Memória Social da Educação e da Cultura, vinculado ao Curso de Pedagogia da UVA. e-mail: [ivnaholanda@yahoo.com.br](mailto:ivnaholanda@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Eram 12 alunos da turma II, do sexto período do curso de Pedagogia da UVA, matriculados na disciplina História III (da Educação Brasileira), a saber: Áurea Galdino, Catiana Maria do Nascimento, Francisca de Assis Silva Machado, Joana Domingos, Luciana Maria Alves, Lidiane Alves de Sousa, Kélvio Melo de Bezerra, Maria Lacerda Cardoso, Maria do Carmo Lopes, Maria Mercê de Aguiar, Maria do Socorro Sousa e Silva e Samira Andrade Cordeiro. As produções textuais, elaboradas por esses alunos a partir da fotografia serão, em parte, citadas no corpo deste artigo.

acontecimentos, próximo do vivido e do cronológico”-fragilizando e fragmentando um passado-presente e futuro histórico.

Outro aspecto que se interliga a essa pretensão inicial, é a tentativa de realizar o estudo da História da Educação Brasileira a partir de outras perspectivas, sem o peso teoricista que costumeiramente vemos nas propostas curriculares e que, na maioria das vezes, só reforçam ou legitimam o já registrado, sem que alunos e professores sejam instados a refletir, questionar ou mesmo investigar tal historicidade. Assim, o que propunha, era a descoberta de outras narrativas históricas a partir do cotidiano próximo e vivido pelos alunos, narrativas essas que, ao se interligarem e interagirem pelo enfoque “educação”, compunham a história da educação brasileira.

Finalmente, buscávamos desqualificar a idéia/cultura, também resistente no espaço acadêmico, de que história seja ela qual for, está associada a coisa morta, sem importância para os dias atuais e que somente o “novo” é desafiador e “moderno”, portanto, merecedor de atenção. “Quem quer lá saber de coisa passada, velha!?”. Essa é ainda uma colocação que vez ou outra, soa no espaço da sala de aula agredindo nossos ouvidos, causando incômodo e lamento, não muito pela ingenuidade de quem fala, mas pela ainda escassez de esforços que busquem questionar e refletir sobre tais colocações.

Outra coisa que se descortinou na minha memória quando estava elaborando este artigo e que certamente é uma boa explicação para o meu interesse em usar a fotografia como recurso metodológico, é que sou filha de um ex-fotógrafo, José Mário Pereira, que viveu boa parte da vida sustentando a família com sua *yashica*, utilizando um quarto escuro da nossa pequena casa como estúdio para as revelações fotográficas que sempre com curiosidade e expectativa acompanhávamos, às vezes madrugada adentro, para saber o que surgiria daqueles papéis brancos mergulhados numa composição amarelada e de cheiro forte. Cada imagem que surgia, era como se fosse uma mágica, não só pela imagem que paulatinamente ia tomando conta de todos aqueles papéis brancos, mas também pelas histórias de enterros, casamentos, batizados, aniversários, alistamentos em serviços criados em períodos de seca, enfim, ene histórias que naquele quarto escuro, contadas pelo Zé Mário, davam vida àquelas fotos e transportavam-se para o nosso imaginário e hoje potencializam e aguçam o gosto que tenho pela história.

Do ponto de vista do registro desse procedimento metodológico, a intenção é expô-lo, é evidenciá-lo, visto que sua construção se fez pela ousadia de quem aprendeu que “o

caminho se faz ao caminhar”<sup>3</sup> e que portanto, esse caminhar pode ser fortalecido com a colaboração de outros sujeitos históricos que também se inquietam com o dito pronto e acabado.

### **1. O Uso da Fotografia: um ensaio metodológico para o estudo da História da Educação Brasileira.**

Para alguns entendidos no assunto, que não é o meu caso, a fotografia se traduz no registro de um momento estático e que o enquadramento estético, refletido e revelado na imagem fotográfica maquia uma realidade, é uma mentira. Sabemos que em tempos passados, - refiro-me principalmente às sociedades grega e romana -, a imagem refletida nos trabalhos iconográficos era quase ou o único instrumento para expressar, por exemplo, o lugar em que os sujeitos ocupavam na sociedade ou mesmo os costumes e valores de tais sociedades. Se forem verdade ou mentira, essas imagens ou quaisquer outras fontes de registro histórico, só a história, só o trabalho do historiador atento poderá desvelar – entendendo historiador como todo aquele que, independente da profissionalização, busca na sua prática cotidiana, refletir, investigar, revisar e analisar esse complexo processo histórico.

Para fins dos objetivos deste artigo nos deteremos na explicitação dos caminhos utilizados para o estudo da História da Educação Brasileira, tendo como referencial o uso da fotografia:

- a tarefa inicial foi solicitar que cada aluno identificasse fotografias que tivessem alguma relação com educação. Essas fotos poderiam ser de acervo pessoal, familiar, de pessoas próximas ou conhecidas na comunidade em deter acervo histórico. Nesse momento registramos a admiração dos alunos quanto à solicitação visto que não é usual a utilização de procedimentos como esse para o estudo de determinado assunto no ambiente escolar e, principalmente, no da academia;
- passamos a conversar sobre a importância da identificação desse material e o potencial que essas fotografias poderiam conter para a história da educação da comunidade, dos familiares, dos pais e dos próprios alunos, com possibilidades de desvelar métodos pedagógicos; trabalhos de professores que permanecem desconhecidos por essa história mas que ousavam e ainda ousam desafiar todas as adversidades para ensinar; instituições escolares e espaços outros identificados como ambientes de cultivo à escolarização; regras de disciplinamento; material didático;

---

<sup>3</sup> “O caminho se faz ao caminhar” é o título do livro o qual discuto num artigo, “o uso da internet na pesquisa sócio-educativa”, coordenado pelas professoras Dr<sup>as</sup> Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales, edições UFC, 2005.

lutas por escolarização e forças políticas e acontecimentos sociais que poderiam sinalizar um modo de ensinar, de festejar e viver da sociedade em determinada época; um maior entendimento sobre a escolarização de cada aluno e tantos outros aspectos que poderiam conter nessas fotografias com desdobramentos por exemplo, para identificação de acervos, personagens, construções biográficas e memórias . O desafio dessa fase de sensibilização, reforçada por estudos que auxiliassem compreender o sentido do trabalho, estaria naquilo que Kosik em *Dialética do Concreto* caracteriza de *détour*, ou seja, um *desvio*, um mergulho histórico para além da imagem refletida na fotografia, também elementos que subsidiariam a construção de textos, artigos, ou outras formas de registros historiográficos.

- além da tentativa de identificar esses aspectos, através de entrevistas, rodas de conversas, relatos e outros meios acessíveis, as fotografias deveriam ter uma identificação temporal para, após apresentação individual pelos alunos, permitir a organização/construção de um painel coletivo. Com essa identificação passamos a discutir e analisar conceitos de temporalidade e a fragilidade de estudos históricos que se balizam pela defesa de periodizações aparentemente estáticas.
- a organização coletiva e visualização das fotografias no painel, permitiria a interação, reflexão e análise de assuntos os mais diversos, com os alunos, além de estimular a percepção de que esses fragmentos históricos tinham a sua importância para a compreensão da história educacionais de cada um, e ao mesmo tempo, a identificação de temáticas para pesquisa. Essa etapa foi complementada com a exposição de documentos, livros, fotos, boletins, cadernos contendo atividades escolares, palmatórias e outros disponibilizados por pessoas que, conforme o dizer dos alunos, “empolgaram-se” com esse trabalho.

Os doze textos produzidos por alunos e alunas, a partir das fotografias, trazem pistas interessantes para novas pesquisas, registram fragmentos da história da educação de lugares, de professores, de familiares ou dos próprios alunos, comportamentos, fatos marcantes acontecidos na escola, nas festas de formaturas, evidenciam sentimentos, modos e modelos educacionais, enfim, revelações que passaremos a pormenorizar a seguir.

## 2. As fotografias dos alunos: que revelações trazem para a história da educação brasileira?

Os textos produzidos pelos alunos<sup>4</sup>, a partir do mergulho na história contida em cada fotografia, revelam o potencial e capacidade que cada um possui em colaborar na (re) constituição do estudo da história da educação mais enriquecido de detalhes, possibilitando novas leituras e, principalmente, exercitar o duplo movimento proposto por Marc Bloch que é a compreensão do presente pelo passado e vice-versa. Para ele, a ‘incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado, se nada se souber do presente’. (Marc Bloch apud Le Goff, 2006, p, 227-228).

A revelação da aluna Joana sobre a trajetória de vida da professora Tereza de Jesus Oliveira, que assim como muitos brasileiros, lutou para “conseguir chegar onde chegou. Teresa de Jesus fez o seu 2º grau normal na Escola Dom José Tupinambá da Frota em Sobral, mais conhecida como Colégio Estadual” e a opção de muitas pessoas pelo normal, segundo Tereza, está na razão de “não gostar das matérias de cálculos, mas ela fez o normal por querer ser professora”. O que motivou Tereza querer ser professora? porque o cálculo, que atualmente é um dos conteúdos que desafia o poder público a criar programas específicos para estimular a formação de professores nas áreas das ciências exatas, historicamente foi “difícil” de ser compreendido? que relação possui com as metodologias aplicadas a tal ensino?

A aluna Luciana entrou na sala de aula carregada de lembranças, de fotografias e do livro “Crestomatia”, uma relíquia guardada com muito zelo pelo professor Valter Gomes que só o cedeu, por que achou interessante o trabalho que a aluna estava realizando. Luciana passou a contar fragmentos da biografia do professor Valter “hoje um professor aposentado aos setenta e três anos de idade... lecionou por quarenta anos em sua escola particular que se chamava Escola São Bernardo, situada no bairro Alto do Cristo em Sobral – Ce, que se manteve em atividade educacional desde 1963 até 2003, da primeira à quarta série do ensino fundamental.”

A escola mantinha regras de disciplinamento, com o auxílio “de palmatórias de três tamanhos: a palmatória pequena para as crianças menores, a média e a grande era para os alunos maiores. O bolo, como era chamado o uso da palmatória, era destinado àqueles que não aprendiam a lição. Os alunos mais inquietos e que gostavam de conversar, ficavam de

---

<sup>4</sup> agradeço a preciosa colaboração da bolsista do Grupo de Pesquisa História e Memória Social da Educação e Cultura –UVA, Elenir Martins da Cunha, na digitação dos textos e escaneamento das fotografias dos alunos.

joelhos no milho. A Escola São Bernardo recebia alunos de outras escolas, inclusive os indisciplinados”.

O professor Valter conta que usava três tipos de cartilha: uma para os alunos aprenderem o ABC; a mini-cartilha com palavras soltas e, por último, a “Novo Nordeste” para a prática da leitura. Para àqueles que tinham dificuldades no ABC, ele utilizava o “olho mágico, para salientar as letras de forma que o aluno aprendesse seja qual posição estas se encontrassem”.

Segundo Luciana, ao perguntar ao professor Valter sobre o sentido da Educação, ele respondeu: “A Educação é o berço da civilização!”.

Mais do que o valor das informações sobre o modo de ensinar do professor Valter, é a oportunidade de poder falar de uma trajetória de vida dedicada à educação que assim como muitos que a história não registra, vivem no anonimato. O professor abriu as portas da sua memória, falou coisas que há muito guardadas por não ter a quem relatar. A Luciana em sala, perguntou o que era aquele livro “Crestomatia”, fez críticas ao uso da palmatória mas ao mesmo tempo se perguntando quais os meus recursos para disciplinamento nos dias atuais? A discussão “rolou”, os demais alunos com opiniões as mais variadas se posicionavam sobre a aprendizagem nos dias atuais.

Através de uma fotografia da festa do ABC do marido Orlando, a aluna Maria Lacerda trás fragmentos da história de vida dos colegas do marido e da instituição escolar da rede privada mais antiga do Município de Tianguá-Ce. O Instituto Educacional de Tianguá tem cinquenta anos de existência, fundado pelo Monsenhor Tibúrcio Gonçalves de Paula. Orlando relata que a diretora se chamava Lucilene, muito enérgica e hoje trabalha na Secretaria da Educação do Município. A professora da turma, Auresélia, atualmente trabalha em escolas do Estado e é muito querida por todos. Dos funcionários da época da foto, somente a Dona Hilda continua na escola, antes era secretária, hoje trabalha como ajudante, organiza, fiscaliza e diz sentir saudades dos velhos tempos, pois são 27 anos de trabalho.

Lacerda conta que o ensino era bom, “era voltado para o catolicismo” e que a escola tinha uma porta que dava acesso para a Capela de São Francisco, onde duas vezes por semana a missa era exclusiva para os alunos, mas “não era obrigatório” ia quem quisesse. Um “quisesse” certamente relativo, pois segundo a aluna a população do lugar é na sua maioria católica.

As lembranças de Orlando sobre o fardamento, - “meninos calça azul, blusa branca e ‘quichute’ preto... as meninas ...saia azul de ‘preguinha’ ...blusa branca com uma fita azul na gola, dando um laço, os meninos não podiam usar bermuda e nem usar outro tipo de sapato” -

suscitaram discussões sobre pesquisas que tentam resgatar o significado do fardamento escolar para a historiografia educacional. Particularmente uma aluna interessou-se pelo assunto, “não sabia que era possível estudar a história da educação brasileira, também se utilizando do fardamento escolar”. A percepção sobre variadas fontes de estudo e pesquisa sobre educação, fez com que os alunos identificassem no cotidiano em que habitam um celeiro, um *locus* importante para o trabalho historiográfico da educação brasileira.

A Catiana trouxe a fotografia que retrata, segundo ela, uma “época de fundamental importância em minha vida, em minha formação”. É de uma escola que foi patrocinada pela ONG Instituto Sertão, denominada Escola de Desenvolvimento Local – EDL e que tinha o objetivo de capacitar jovens do Município de Santana do Acaraú –Ce. “A EDL era uma escola de formação... que nos levava a desenvolver questões sobre temas do nosso cotidiano... como exemplo, essa foto... nesse dia fomos ver um animal morto que boiava nas margens do rio Acaraú, que passa pela cidade, e na ocasião observamos a poluição que tomava conta do nosso rio, bem como o desmatamento e as matas ciliares quase já não existentes”.

Fala com entusiasmo de um assunto que até hoje é polêmico e desafia a escola e quem nela trabalha, que é a utilização do que é ensinado para a vida do aluno. Na EDL, discutia-se sobre cidadania, meio ambiente, cultura, gênero, raça, juventude, política, economia solidária, desenvolvimento sustentável, entre outros que, segundo Catiane, “levavam em conta as nossas vivências, o nosso cotidiano”, havendo “um contraste muito grande entre os conteúdos da Escola de Formação EDL e os do Ensino Médio, que eu cursava na Escola Estadual Nazaré Severiano”. Diferente de outras escolas as regras eram discutidas e escritas pelos alunos e monitores. A EDL para Catiane funcionava também como uma espécie de suporte emocional, pois “mesmo fora do horário da aula, tínhamos com quem conversar sobre nossas carências e fragilidades”.

Da apresentação da Catiane tiramos discussões sobre o significado da escola de hoje, da corrida desenfreada para as profissões ditas privilegiadas e que são fortalecidas por muitas escolas “excelentes” que se utilizam de métodos variados para classificação dos “mais ou menos capazes”. Também se conversou sobre educadores que nunca ouviram falar, a exemplo de Américo Barreira, cearense, que defendia que “A função da Escola é, sem dúvida a própria vida” e que “Não se aprende para saber. Aprende-se para fazer”.

Para o Kélvio, a fotografia puxou o fio de lembranças alegres e tristes, assim como dos desafios que enfrentou para chegar à faculdade: “não foi fácil, a competitividade é redobrada para quem vem da escola pública”. Acha-se um privilegiado, cada etapa de escolarização concluída, era um “passo grande” que dava, pois “em um mercado de trabalho

tão competitivo como o que vivemos, o estudo é mais um aliado em nossa ascensão profissional e pessoal”.

Maria do Carmo conta a história de luta por escola do povo do sertão, um lugarejo chamado Câmara, pertencente a Santana do Acaraú que, até 1991, não havia Grupo Escolar e “a única escola que tinha, funcionava numa casa de família”. Foi da luta da Associação Comunitária por escola, que o pequeno Grupo foi construído. Nas discussões suscitadas após a apresentação da Maria do Carmo, veio à tona a luta histórica por escolaridade e razões que fundamentam o analfabetismo; a ingerência dos donos de terra na criação de escolas e escolhas de professores para lecionar; a fragilidade do poder público e da sociedade civil, quanto à discussão sobre a organização e funcionamento do ensino; o significado histórico do FUNDEF e FUNDEB na educação brasileira.

Os primeiros anos de escolarização, retratados por uma fotografia tirada na escola, em 1992, ao lado da bandeira nacional, foram o mote da exposição da aluna Mercê. Segundo ela, “os primeiros momentos escolares”, são momentos mais importantes da vida de uma pessoa, “ficam marcados porque é na alfabetização, que as crianças começam a aprender as primeiras letras”. Discutimos daí, a importância da educação infantil e o processo de formação dos professores que lecionam nessa fase escolar, a história da educação infantil nos municípios de cada aluno e a luta de educadores para a valorização e implantação dessa educação. Alguns alunos na ocasião lembraram de nomes de educadores que, em épocas passadas, andavam quilômetros no lombo de um jumento para alfabetizar os pais ou as pessoas do lugar.

Um diploma do Mobral e uma palmatória enrolada num plástico tiveram destaque quando a aluna Áurea passou a falar da “educação de ‘Um Antônio’”, seu pai. A palmatória segundo ela, é guardada pela mãe que não quer lembrar das más lembranças que esse instrumento disciplinador proporciona. O diploma é do pai, o único de sua vida e guardado com muito orgulho. Para Áurea, a conversa com seu Antônio, a levou a entender mais um pouco sobre a história da família, principalmente sobre as dificuldades de escolarização dos pais com destaque para a importância do Mobral em suas vidas. Dessas conversas a Áurea produziu artigo, levantou informações sobre as primeiras escolas do lugar, material didático, ex-professores e outros mais que a subsidiará em futuras pesquisas, sobre a história da educação.

O momento mais marcante que tenho desta ocasião, diz a aluna Francisca quando apresentou sua fotografia: “é a fala do meu professor de matemática que se chamava Valdécio falando: ‘Que venha agora receber, de seu padrinho Pedro, o canudo como símbolo de



colação de grau, a aluna Francisca de Assis Silva. E fui, nervosa e ansiosa, mas com grande orgulho, pois era um símbolo de bastante dedicação e trabalho realizado durante o ano todo, mas que no final, o sucesso de receber aquele canudo é que é gratificante e honroso”. Francisca mora numa localidade chamada Baracho, e depois desse trabalho, confirmou que Baracho, segundo o Pe. Sadoc que é pesquisador e historiador de Sobral-Ce, provém do sobrenome de uma família portuguesa, que provavelmente passou pelo lugar deixando sua marca. Francisca lembra que dos onze concludentes da 8ª série, só ela conseguiu entrar na faculdade, os demais tomaram outros rumos, achavam muito difícil e distante o “sonho de cursar uma faculdade sendo de uma localidade que nem era distrito, na época”. O processo de seletividade implantado para definir o acesso à universidade pública, a elitização da universidade, a história de ontem e de hoje do ensino profissionalizante no Brasil, a razão de existir do curso de pedagogia da UVA, foram algumas das reflexões suscitadas a partir, da fotografia da Francisca.

Muitas escolas foram criadas pela boa vontade de pessoas. Essa é a mensagem refletida da fotografia da Lidiane que traz para o conhecimento da turma a história da Escola Educandário Nossa Senhora do Carmo, localizada no Município de Massapé-Ce, e, originária da “boa vontade de sua fundadora Maria do Carmo Carneiro em tentar fazer um mundo mais igualitário” para os moradores desse município. A escola se sustentava com os recursos do genitor, mas pela necessidade de ampliação visto que a quantidade de alunos aumentava, e não “vendo nenhum retorno financeiro, este cortou a verba que mantinha a sala de aula”. Mais tarde o avô cedeu à neta, “um prédio velho da família para que ela continuasse sua missão” e “com a falta de recursos o único jeito foi cobrar uma taxa aos alunos para comprar material para as aulas” Em 17 de agosto de 1921, “o prédio quase em ruínas foi oficializado como instituição escolar”. O nome Educandário Nossa Senhora do Carmo, “provém da santa devoção de Caria do Carmo, a qual fez uma promessa para que seu sonho não parasse na falta de verbas”. De geração em geração, hoje o colégio têm à frente a sobrinha Maria do Carmo Roberto Carneiro Frota, mantendo “a história dessa instituição escolar e do empenho de sua progenitora, iniciado há 87 anos”.

A aluna Socorro Silva, utilizou-se da fotografia escolhida, a da sua conclusão do 1º grau ocorrida em 1981, para discorrer sobre seus sonhos, um deles, concluir o curso superior, “não por status” como afirma, “mas por ser uma possibilidade de afirmação profissional e de gênero”. Tem fortes recordações, marcantes na sua vida escolar, de duas professoras, Ozanira e Maria das Graças. A primeira por ser autoritária, “exercia uma postura quase militar...com ela não havia diálogo somente regras...”. A segunda, “minimizava as situações”. Socorro

também cita momentos de discriminações sutis, que passam quase despercebidas, mas que deixam marcas em quem percebe e sente. O desfile de 7 de setembro era um desses momentos, “a diretora só escolhia as mesmas todo ano, talvez por terem mais condições de comprar a roupa, por que as roupas pareciam fantasias de carnaval com muito brilho e fita...”. A questão que aqui se impõe, é saber se a educação oferece essa “possibilidade de afirmação profissional e de gênero”? Outra coisa é a postura do professor, em que autoridade e autoritarismo se confundem nas salas de aula, atualmente. Assim, pergunto: há uma história da didática do professor que contemple essas reflexões?

Em tempos de hoje, com o desafio de manusear o computador, matricular-se num curso de datilografia é raríssimo, arriscaria dizer que ninguém faz isso atualmente. Com uma foto da tia Maria Waldenize Andrade Gomes, - tirada no ano de 1974, quando concluiu o curso de Datilografia, de grande importância na época -, a Samira inicia com entusiasmo, sua narrativa. A “foto trata-se de uma relíquia guardada por minha tia... a qual estimo e admiro muito por sua força e coragem”. O curso era uma novidade na cidade de Forquilha-Ce e, aos 22 anos como Maria não havia concluído seus estudos, “achou que o curso seria a possibilidade de aprimorar-se em algo”. Enfrentou madrugadas de trabalho para ... “confeccionar chapéus de palha para melhorar a renda da família, já que nessa época, seus pais eram agricultores e não viviam em boas condições” e sua “preocupação era com o pagamento do curso”. Samira lembra que a tia guarda a forte lembrança do dia em que tirou a foto. Todos que participaram do curso foram levados a Sobral-Ce, cidade próxima de Forquilha e, segundo a tia, “quando vestiu aquela roupa e sentou naquela cadeira, sentiu-se como se fosse uma rainha”!

Refletir e entender na perspectiva do presente, porque um curso de datilografia causou tamanha emoção, foi um dos desafios meu e dos alunos.

### **Considerações Finais**

Acredito que um dos desafios de quem se propõe lecionar história da educação é estimular os alunos a estudar essa história de forma viva, refletindo e analisando criticamente essa história, para além de concepções deterministas, visionárias ou míticas. Honório Rodrigues (1986) lembra que Nehru ‘escreveu que os estudos históricos são um vínculo ideal para inocular idéias políticas...’(p.31). Mais adiante cita as palavras do historiador alemão Gerard Ritter: ‘Quem realmente conhecer a história estará protegido do entusiasmo barato e

não poderá encarar o seu jogo sem profunda emoção, pelo menos quando se trata do futuro de sua própria terra e de seu próprio povo' (idem).

Desse modo, experimentar a utilização da fotografia para o estudo da história da educação é, antes de qualquer apreciação que valide ou não esse trabalho, a tentativa de refletir sobre caminhos metodológicos que facilitem a compreensão, análise e investigação de histórias que às vezes, se apresentam distantes da realidade vivida pelos sujeitos e que, aparentemente, não possuem ligamentos históricos. A motivação e o interesse em descobrir e experimentar caminhos diferentes e novos do ponto de vista metodológico foi o que nos levou a usar a fotografia para os estudos históricos da educação brasileira.

Presume-se que os alunos que participaram dessa experiência saíram/saem com um olhar diferente sobre a amplitude de estudos que compõem o universo de temáticas sobre a história da educação e, ao mesmo tempo, mais aguçados e motivados para a pesquisa historiográfica. O Kélvio ao avaliar a disciplina menciona que “estava sentindo-se historiador, que a história estava mais próxima dele, antes era distante para ele, pois achava que só os teóricos faziam história”. Outros alunos são unânimes em dizer que “não sabiam que a história do seu povo, da escola da sua cidade, poderia ser história com ‘h’”.

Mas ainda são muitas as dificuldades e desafios para a realização de trabalhos desse tipo, visto que requer um esforço, principalmente do professor, em conduzir e aprofundar discussões que ainda carregam o ranço de propostas educacionais que cultuam o estudo de um passado por si só.

Como falamos anteriormente, esse caminho metodológico expõe-se a outras colaborações, pois a intenção do trabalho aqui exposto, é também ampliar e aguçar a discussão sobre **caminhares metodológicos**, com sujeitos históricos que também ousam enveredar por múltiplos caminhos se assim for necessário, para abalar o aparentemente estático e definitivo.

### **Referencias Bibliográficas.**

- CAMBI,Franco. *História da Pedagogia*. Editora UNESP, 2002.  
 CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O Espírito da reforma Educacional de 1922 no Ceará*, Fortaleza, edições UFC, 2000.  
 DE PAULA, Gervásio. Américo Barreira – *O estadista do Municipalismo*, Fortaleza, 2003.  
 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, UNICAMP, 2006.  
 PEREIRA, Ivna de Holanda. *O Uso da Internet na Pesquisa Socioeducativa* In: DAMASCENO, M. Nobre.; SALES, Celecina M. Veras.(Coord.) et.al. *O Caminho se faz ao Caminhar- Elementos Teóricos e Práticas na Pesquisa Qualitativa*. Fortaleza:editora UFC,2005.  
 RODRIGUES. José Honório. *Vida e História*. Editora Perspectiva S.A, São Paulo, 1986.